

## PROFESSORAS, ENFERMEIRAS E COSTUREIRAS: Reflexões Sobre Gênero, Trabalho e Cuidado na Pandemia da Covid-19

Maysa Carvalho de Souza

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. (PPGS/UFPB)*  
*maysa\_souza12@hotmail.com*

Ana Paula Marcelino da Silva  
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. (PPGA/UFPB)*  
*marcelinopaula5@gmail.com*

Vinícius Gabriel da Silva  
*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. (PPGS/UFPB)*  
*viniciusinacio00@gmail.com*

Mônica Franch Gutiérrez  
*Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba. (PPGS/PPGA/UFPB)*  
*monicafranchg@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 26 – MULHERES NA PANDEMIA DA COVID-19: CUIDADO DE SI, DOS CORPOS E DOS TERRITÓRIOS*

### Resumo

A complexidade do cenário pandêmico brasileiro, caracterizado por uma crise multifacetada de ordem política, sanitária e econômica, intensificou as disparidades históricas que permeiam as relações entre gênero, trabalho e cuidado, acentuando desigualdades de caráter interseccional e retomando o debate que envolve mulheres, produção econômica e reprodução da vida. Neste sentido, o presente trabalho trata das experiências de três categorias profissionais durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: professoras, enfermeiras e costureiras. Partindo de uma perspectiva de gênero, buscamos refletir acerca da *divisão sexual do trabalho* (KERGOAT, 2009) e do conceito de *cuidado* (TRONTO, 2020), com o objetivo de compartilhar e comparar os resultados de três pesquisas empíricas em andamento realizadas no Estado da Paraíba no contexto pandêmico. A centralidade dos corpos de mulheres na promoção das várias formas de cuidado necessários para a contenção da crise, seja no nível institucional, no caso das enfermeiras e professoras, ou por conta própria, como é o caso das costureiras que se mobilizaram para confeccionar máscaras de tecido, é um dos aspectos que mais se destaca quando analisamos as respostas que, no Brasil, foram dadas ao problema, diante da inação e do negacionismo do governo federal. Em contrapartida, a

invisibilidade, a precarização, e o adoecimento são elementos presentes nas narrativas dessas mulheres que dispuseram de sua força de trabalho e colocaram seus corpos em risco a serviço do enfrentamento à pandemia.

**Palavras-chave:** Gênero, Trabalho, Cuidado, Pandemia.

### **Abstract**

The complexity of the Brazilian pandemic scenario, characterized by a multifaceted political, health and economic crisis, intensified the historical disparities that permeate the relations between gender, labor and care, accentuating issues of intersectional character and resuming the debate that involves women, economic production and reproduction of life. In this sense, the present work deals with the experiences of three professional categories during the Covid-19 pandemic in Brazil: teachers, nurses and seamstresses. From a gender perspective, we seek to reflect on *the sexual division of labor* (KERGOAT, 2009) and the concept of *care* (TRONTO, 2020) in order to share and compare the results of three ongoing empirical research in the State of Paraíba in the pandemic context. The centrality of women's bodies in promoting the various forms of care needed to contain the crisis, whether at the institutional level, in the case of nurses and teachers, or on their own, as is the case of seamstresses who mobilized to make fabric masks, it is one of the aspects that stands out most when we analyze the answers that, in Brazil, were given to the problem, given the inaction and denialism of the government response. On the other hand, invisibility, precariousness, and illness are elements present in the narratives of these women who had their workforce and put their bodies at risk in the service of coping with the pandemic.

**Keywords:** Gender, Labor, Care, Pandemic.

### **Introdução**

As relações historicamente constituídas entre trabalho e gênero foram determinantes para algumas categorias profissionais desde a chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil, em março de 2020. Entre as primeiras e principais orientações advindas de órgãos e entidades de controle epidemiológico, o isolamento social certamente foi o responsável por intensificar a rotina de trabalho das brasileiras, seja com relação às que permaneceram no exercício de suas atribuições de forma remota, como as professoras do ensino básico, seja com relação às que precisaram permanecer trabalhando na chamada “linha de frente” da pandemia, como as profissionais de enfermagem. Há ainda as mulheres que trabalham por conta própria, como as costureiras, e que precisaram se adaptar à uma nova demanda trazida pela pandemia: a

confeção de máscaras de tecido, equipamentos de proteção individual (EPI) essenciais para barrar a contaminação pelo novo coronavírus.

Apesar das diferenças nas esferas, competências e posição socioeconômica dessas três categorias, um aspecto que nos permite pensá-las de forma articulada tem a ver com a centralidade do cuidado. Partindo da definição proposta por Fisher e Tronto de cuidado enquanto “uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível” (Fisher & Tronto, 1990), podemos compreender que as mulheres aqui descritas estão enredadas em relações de cuidado tanto por meio de sua atividade profissional - enfermeiras cuidam dos doentes, costureiras cuidam para que as pessoas não fiquem doentes e professoras cuidam dos filhos de outras mulheres - como em seus âmbitos domésticos. Nesse último quesito, a divisão desigual do trabalho doméstico tornou-se ainda mais perversa na pandemia, sobretudo durante os primeiros meses, em que as medidas de isolamento social interceptaram as redes de apoio que tornam o trabalho cotidiano de cuidado mais suportável (CARNEIRO; MÜLLER, 2020). Além disso, a atribuição social do trabalho às mulheres faz parte da sua histórica invisibilidade e desvalorização, o que não se transformou durante a pandemia. As experiências aqui trazidas nos falam de uma “luta” que se deu nos bastidores, que teve (e tem) repercussões no corpo e nas emoções das mulheres, e cujo reconhecimento tanto social quanto econômico ainda está por vir - o que não é específico da realidade brasileira (BLANC, LAUGIER, MOLINIER, 2020), mas aqui teve feições específicas.

### **"A professora que se vire": o impacto da pandemia da covid-19 no trabalho produtivo e reprodutivo de professoras de Ensino Básico**

“As aulas nas escolas que trabalho voltaram de forma “se vire”. As aulas estavam para regressar na segunda e foi feita reunião dias antes, mais precisamente no sábado, e anunciaram que o retorno seria na segunda e que queriam aulas gravadas e ao vivo... sem nenhum treinamento...nenhum aviso prévio.” ( Trecho da entrevista - J. 2021)

Com a declaração de estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde, no dia 11 de março de 2020, a instituição escolar foi um dos setores de atividade mais diretamente afetados. Após um mês de aulas presenciais interrompidas, as professoras, majoritariamente do ensino privado, retornaram ao trabalho no formato de aulas

virtuais, sendo assim, o ambiente doméstico se tornou também seu ambiente de trabalho. Essa realidade impactou ainda mais as mulheres com filhos em idade escolar que, além de terem que se adaptar a novas práticas de ensino, precisaram dar conta dos cuidados com as crianças de forma simultânea e no mesmo espaço físico (a casa) em que passaram a desenvolver suas atividades profissionais.

A pesquisa que está se desenvolvendo diz respeito a como as professoras das escolas do Ensino Básico, mães de filhos em idade escolar, estão lidando com trabalho remoto e híbrido em tempos de pandemia da Covid-19, e como essa mudança nas formas de trabalho tem afetado seu cotidiano que inclui, também, responsabilidades com o trabalho reprodutivo. A proposta da pesquisa é acompanhar o trabalho de professoras que tiveram a rotina escolar interrompida pelas medidas de isolamento social obrigatórias face à disseminação do coronavírus, o que fez com que as escolas do ensino básico fechassem suas portas.

No Brasil, já podemos encontrar produções acadêmicas que abordam o tema das aulas remotas durante a pandemia da Covid-19. As autoras Karla Saraiva, Clarice Traversini e Karmila Lockmanm (2020) destacam como as aulas remotas foram vivenciadas por professores e alunos.

[...] nas escolas privadas, cujos alunos têm amplo acesso à internet e que podem prover soluções educacionais por meio de ferramentas digitais, durante o período de isolamento, têm sido realizadas muitas atividades síncronas. Ao ponto de que algumas escolas, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, ministrarem aulas por meio do Google Meet ou do Zoom nos mesmos horários que haveria aulas presenciais. Toda a responsabilidade educativa está a cargo do professor, que pode planejar suas avaliações de modo mais personalizado [...] O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos. (SARAIVA et al, 2020: 07-13)

Em se tratando das questões relacionadas à educação, as técnicas para o ensino estão dependendo das plataformas digitais como o *Google Meet*, *Zoom*, *Cisco Webex*, entre outros. Os professores no ensino remoto possuem uma maior noção da dimensão da sala de aula, cada aluno possui sua webcam, que muitas vezes fica desligada durante

todo o momento de aula, e o docente não tem certeza se o aluno está ou não acompanhando as aulas, também não se sabe em que condições o aluno tem acesso à internet, se está funcionando no momento da aula, se está conseguindo ouvir ou não. Criar novas técnicas para o ensino em tempos de pandemia é algo que precisa ser lidado com urgência, tem causado muitas discussões a respeito do processo de ensino-aprendizagem e é mais um desafio vivenciado pelas professoras do ensino básico.

Além dos desafios da transição digital à força, o cotidiano das professoras tem se pautado por uma rotina de trabalho doméstico intensificado, tendo em vista que as mulheres são atribuídas ao cuidado da casa e das pessoas que moram na casa. Casa esta que agora também é o lugar do trabalho, pois no período de isolamento social a escola invadiu o espaço doméstico, o que gerou exaustão para os profissionais da educação, mas sobretudo para as professoras, mães de filhos em idade escolar.

Através de entrevistas realizadas pelo *Google Meet*, por meio da técnica da *bola de neve* (VINUTO, 2014), as interlocutoras puderam contribuir com informações e com suas narrativas a respeito dos impactos da pandemia em suas vidas. Nos relatos houve desabafos de professoras que entenderam aquele momento como um meio de retratar suas preocupações, angústias e seu dia a dia como profissional da educação. Das cinco entrevistas já ocorridas, três passaram por interrupções dos filhos que chamavam a atenção das interlocutoras para brincar, preparar lanches ou para entender o que estava ocorrendo ali. Todas as entrevistas já realizadas foram feitas à noite, único horário possível para as interlocutoras. Por isso, é importante reiterar os agradecimentos as mulheres que participaram dessa pesquisa.

As profissionais muitas vezes convergem em questões centrais para pensar os efeitos da pandemia em suas vidas: as mudanças drásticas nas suas relações com o trabalho, o desafio de aprender ferramentas online de uma hora para outra, lecionar em plataformas virtuais, a mudança no tempo de trabalho, ou do retorno às aulas presenciais, a procura dos alunos e pais pelas redes sociais (*instagram* e *whatsapp* por exemplo) onde as professoras eram solicitadas em horários fora do expediente de

trabalho e as transformações no trabalho no ambiente doméstico. Estes foram os apontamentos trazidos pelas entrevistadas até o presente momento e que servirão como fontes de reflexões no decorrer do trabalho.

### **Essenciais e invisíveis: as enfermeiras na pandemia**

A chegada da pandemia da COVID-19 impactou de forma bastante significativa as profissões da área da saúde. Dentre essas profissões, a enfermagem certamente é a que mais está relacionada a uma noção mais abrangente de cuidado, característica inerente à própria história desta ciência. Historicamente, a enfermagem reivindicou seu lugar como ciência, mas ainda carrega os elementos que a caracterizam como uma profissão eminentemente feminina:

A história da enfermagem moderna é um marco da luta contra a influência da dominação masculina na vida social da mulher. Na construção histórica da arte e ciência do cuidado, as enfermeiras abriram uma possibilidade singular de emancipação da mulher da tutela masculina, ainda que exaltadas também pela docilidade, e o hospital extensão do lar, que fortalecia a ideia de submissão inerente à condição feminina. (CAMPOS, 2012, p. 173).

Abandonado o modelo eclesiástico, que tinha massiva participação feminina, surge o modelo baseado na disciplina. Todavia, de acordo com Lima (2011), a reformulação para o modelo de saúde coletiva só surge, no caso do Brasil, no final do século XIX. Antes disso, o modelo que prevalecia ainda era protagonizado por instituições religiosas, que controlavam as chamadas “doenças pestilenciais”. Mas, além do gênero, a raça também sempre foi uma variável diferencial para o trabalho das profissionais de enfermagem (ALMEIDA, 2020):

Inicialmente, pouco sabíamos sobre o vírus. Os sintomas eram semelhantes aos de uma gripe comum, mas logo se agravavam levando muitos pacientes à necessidade de intubação. No tratamento desses sintomas, mulheres sub remuneradas se revezam em plantões exaustivos, sem os equipamentos de proteção individual adequados para sua segurança e a dos pacientes. Muitas foram inclusive hostilizadas ao saírem às ruas. Outras, ao chegarem em casa, continuavam o incessante trabalho de cuidar dos afazeres e das pessoas que compunham seu ambiente doméstico. E o Brasil passou a registrar o

maior número de profissionais de enfermagem mortos pela Covid-19 em plena ascensão no número de casos.

Em março de 2020, a ONU Mulheres já alertava para o fato de que a pandemia não teria as mesmas consequências para homens e mulheres, principalmente nos países do sul global:

As mulheres são essenciais na luta contra a pandemia – como socorristas, profissionais de saúde, voluntárias da comunidade e prestadoras de cuidados, além de serem desproporcionalmente afetadas pela crise. As mulheres estão na linha de frente da resposta e assumem custos físicos e emocionais, além de um maior risco de infecção na resposta à crise. É essencial atender às necessidades imediatas das mulheres na primeira fila da resposta. (ONU MULHERES, 2020, p.1).

Conforme resolução nº 609/2019 do Conselho Federal de Enfermagem - COFEN - , a enfermagem se divide entre enfermeiras, técnicas e auxiliares. E desde sua formação, essas posições são bem marcadas. As enfermeiras, que possuem nível superior, normalmente ocupam posições de chefia e liderança das equipes. Já as técnicas e auxiliares, profissionais de nível médio e profissionalizante, respondem efetivamente pelo cuidado com os doentes.

O exército que protegeria e cuidaria da sociedade brasileira tinha rosto de mulher. A dimensão sociológica do cuidado (CONTATORE, MALFITANO, BARROS, 2018), que é bastante restrita ao campo da saúde, inscreve nos corpos das mulheres a marca de uma responsabilidade que deveria ser compartilhada por todos os indivíduos, afinal, o cuidado é relacional (TRONTO, 2007, p. 5) e depende de todos. A desigualdade gerada por essa relação está sendo acentuada por causa da pandemia. Mais um fator para que o essencial continue invisível aos olhos.

Scott (1995) ao tomar gênero como categoria de análise histórica, entende que além de ser um fator de diferenciação social entre os sexos, o gênero também é “a forma primeira de significar relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 88). Como fundamento das desigualdades de gênero, essas relações de poder acentuaram as diferenças não só de gênero, mas de raça no Brasil desde o início da pandemia. Aliás, a própria Scott (1995) nos alerta para a especificidade de lidar com esses dois marcadores, visto que,

diferentemente da classe, que possui um determinante econômico e histórico, raça e gênero não possuem causalidades específicas.

No que diz respeito ao trabalho das profissionais de enfermagem, durante a pandemia foi apresentado o projeto de lei nº 2997/2020, que propõe uma atualização do piso salarial dessas profissionais, além da redução da jornada de trabalho para 30 horas, chamado “PL da Enfermagem” e aprovado pelo plenário do Senado Federal em 24 de novembro de 2021. Entretanto, no Brasil, o sistema legislativo é bicameral e agora o projeto de lei depende de aprovação da Câmara de Deputados para posterior sanção ou veto presidencial (AGÊNCIA SENADO, 2021). Essa reivindicação já dura 57 anos, de acordo com o COFEN, e segue dependendo de aprovação legislativa.

### **Trabalhos de agulha e a pandemia da covid-19 no Brasil**

Desde o primeiro semestre do ano de 2020, observa-se no Brasil o protagonismo das mulheres (que já eram costureiras por profissão, ou daquelas que não eram, mas passaram a costurar durante a pandemia) na produção das máscaras faciais de tecido, contribuindo na forma em que o país está enfrentando a circulação do vírus.

Num momento de crise sanitária, política e econômica, onde a taxa de desemprego atingiu no ano de 2020 o percentual de 14,1% (AGÊNCIA BRASIL, 2021) a possibilidade de fabricação caseira de máscaras de tecido enquanto artefato de proteção individual que poderia gerar renda central ou contribuir para a complementação da renda, tornou-se uma possibilidade de ofício. Nesse aspecto, utiliza-se do termo *ofício*, pois diferente do trabalho operário ou fragmentado, o trabalho artesanal está relacionado a um saber-fazer no qual há apropriação e domínio de técnicas desde o ato da criação, do contato com a matéria-prima ao produto final (KERGOAT, PICOT; LADA, 2009).

A população brasileira esteve desamparada de políticas eficientes durante a pandemia sendo obrigada a sair às ruas sem a disponibilização de nenhum equipamento de proteção individual, tornando essa uma responsabilidade deslocada para a população. Com isso, o uso de máscaras de tecido tornou-se uma alternativa viável tanto pela acessibilidade como também pelo custo (em comparação com as máscaras faciais

profissionais). Sem a disponibilização de EPI's e com a pressão para a continuidade das atividades econômicas, uma parcela da população de mulheres dispuseram de sua força de trabalho (MARX, 2013) para a produção de máscaras artesanais. Nesse contexto, surgiu a pesquisa que busca investigar sociologicamente como ocorreu a inserção das mulheres paraibanas na costura de máscaras de tecido durante a pandemia da Covid-19 (SARS-Cov-2) no Brasil.

As reflexões e produções emergentes da década de 1970 que estavam fundamentadas nas teorias de Marx (2013), recuperadas pela socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2013), discutem o conceito de exército industrial de reserva e problematizam sobre a força de trabalho feminino erguendo diversas questões que derivam dessa contribuição, dentre elas, questões que envolvem o desemprego (SAFFIOTI, 2013), a hierarquização do trabalho, valorização do trabalho “produtivo” em oposição ao que se compreende enquanto trabalho “reprodutivo”, a invisibilidade, as duplas jornada, a divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2009) e a flexibilidade do tempo de trabalho (CATTANÉO; HIRATA, 2009), resultando na produção de material intelectual e crítico acerca dessas questões.

Contudo, para pensar o atual contexto pandêmico, o fenômeno da produção de máscaras corrobora reflexivamente para complexas perspectivas acerca da tríade gênero, trabalho e cuidado. Essas relações interseccionalmente imbricadas contribuem para a desnaturalização do cotidiano e de como esses elementos se apresentam em cenários extremos.

A pesquisa em andamento, de caráter qualitativo, vem se realizando a partir de uma metodologia híbrida que alterna entre o virtual e o presencial a partir dos decretos das Secretarias Municipais de Saúde, mas também das demandas das interlocutoras, estas que estão sendo contactadas pela metodologia da *Bola de Neve* (VINUTO, 2014), onde através de entrevistas semi-estruturadas (BONI; QUARESMA, 2005), está sendo possível conhecer suas narrativas, motivações e questões que envolvem o trabalho na casa, o trabalho de casa, os diversos cuidados ocorridos durante o período pandêmico, as dificuldades cotidianas e como o trabalho da produção das máscaras impactou sua renda e sua saúde. A pesquisa vem se realizando em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, e cidades metropolitanas, na qual até o momento em que este artigo está sendo

escrito, foi possível dialogar e conhecer as narrativas de mulheres produtoras de máscaras autodeclaradas negras, com diferentes níveis de escolaridade, entre 40 e 78 anos de idade.

Articulando a perspectiva sócio-histórica da costura com a produção de máscaras no atual contexto é proposto utilizar o conceito de *trabalhos de agulha* (ROGERS, 2019) que problematiza historicamente a tradição e a educação generificada das mulheres, que inclui a transmissão desse saber-fazer (lido socialmente como algo *das mulheres*), na qual analisa-se as novas potencialidades. Se ao longo do século XIX a costura era um elemento relevante e comum na educação das crianças, sobretudo das meninas (MONTELEONE, 2019), esse saber-fazer ainda corresponde na atualidade (século XXI) a uma possibilidade de renda enquanto profissão, ocupação ou complementação que apesar do tempo e das transformações sociais ainda se encontra relacionada ao feminino, sendo importante destacar o aspecto não apenas da classe social mas também da questão racial.

Por outro lado, as dinâmicas da casa abrigam para além da dupla (ou até tripla) jornada a necessidade de gestão do tempo que no contexto pandêmico visibiliza as necessidades de cuidado e autocuidado para além do trabalho “produtivo” e de reprodução social (FEDERICI, 2019). As mulheres trabalhadoras que foram introduzidas a produção de máscaras artesanais enquanto artefato do cuidado durante a pandemia por sinalizar um ofício socialmente associado ao feminino, estão posicionadas numa relação de trabalho vulnerável (HIRATA, 2009), invisibilizado, que não apresenta estabilidade e nem assegura qualquer direito. De acordo com Novaes (2016):

[...]o ofício da mulher é geralmente caracterizado como precário, de menor salário, com jornada mais prolongada, comparativamente aos homens, e marcado pela informalidade, sendo os seus saberes banalizados, como se as mulheres já tivessem nascido com tarefas pré-determinadas para o seu cotidiano. (apud ABRAMO, 2007; PERROT, 2013). (NOVAES, 2016, p. 49).

Com a pandemia e a necessidade de isolamento social a casa se ressignifica e abriga para além das atividades reprodutivas da vida cotidiana as demandas do trabalho socialmente considerado produtivo, e com isso provoca reflexões acerca da integração

entre a produção de bens e a produção da vida, no qual busca-se compreender as implicações e limites das relações da casa, da família e do trabalho (BRUSCHINI; RIDENTI, 1994). O trabalho considerado não produtivo (desenvolvido por mulheres), isto é, trabalhos que não geram mais-valia, articula-se nesse momento com as atividades remuneradas (neste caso específico a produção de máscaras de tecido) que contribuem diretamente para a continuidade da vida pública produtiva, visto que o Estado não dispôs de EPI's para a população, ao mesmo tempo que pressionou a população trabalhadora através de um discurso econômico.

### **Considerações finais**

As relações entre gênero, trabalho e cuidado, aqui exemplificadas a partir das especificidades dos trabalhos desenvolvidos por professoras, enfermeiras e costureiras, possuem precedentes históricos que ainda hoje são os principais determinantes quando analisamos as experiências de trabalho dessas mulheres. Entretanto, o cenário instalado pela chegada da pandemia, as consequentes medidas restritivas e a sobreposição de crises à crise sanitária, no caso do Brasil, produziu uma intensificação da demanda de trabalho dessas mulheres.

Aliado a isso, seja de maneira mais explícita, como no caso das enfermeiras ou não, o cuidado - de si e, principalmente, dos outros - também é uma categoria analítica que interferiu diretamente na relação entre trabalho e gênero. No caso das enfermeiras, que por causa da especificidade do trabalho não puderam aderir ao isolamento social, a responsabilidade pelo cuidado - que já era um fator inerente à profissão - desencadeou diversos problemas de saúde nas profissionais, além de muitas mortes pela doença. Já no caso das professoras, que tiveram que se adaptar às novas demandas trazidas pelo fechamento das escolas e pela consequente implementação do ensino remoto que causaram mudanças drásticas nas relações de trabalho, fragilização da saúde física e mental, o lugar da casa como espaço de trabalho, do exercício da maternidade e das atividades domésticas, o uso das redes sociais (*tiktok, facebook, instagram*) como ferramentas de trabalho sem formações e capacitações e especificidades do ensino híbrido e demanda uma nova forma educar em tempos de pandemia.

As costureiras, por sua vez, num cenário de incertezas e de ausência de políticas públicas e sociais do cuidado, trouxeram o trabalho da produção das máscaras para a esfera familiar (doméstica) que implicou não somente no cruzamento das demandas externas (lidas socialmente enquanto trabalho produtivo) com das demandas da casa que envolvem o trabalho doméstico não remunerado e o cuidado (interpretados socialmente como trabalho reprodutivo ou de reprodução social), mas possibilitou a sobrecarga de atividades que no contexto pandêmico atravessou os corpos dessas mulheres adoecendo-os (fisicamente, mentalmente e por covid-19 em alguns dos casos).

## Referências

- ALMEIDA, Alva Helena de. Mulheres negras e a realidade da enfermagem no Brasil. **Núcleo de Assessoria, Capacitação e Especialização da CME**, 2020.
- BLANC, Nathalie. LAUGIER, Sandra. MOLINIER, Pascale. O preço do invisível: As mulheres na pandemia. **Dilemas**, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia, p. 1-13, 2020.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 02, nº 01, UFSC: p. 68 – 80, 2005
- BRUSCHINI, Cristina; RIDENTI, Sandra. Família, Casa e Trabalho. **Cad. Pesq.**, nº 88, São Paulo: p. 30 – 36, 1994.
- CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. serIII, n. 6, p. 167-177, 2012.
- CATTANÉO, Nathalie; HIRATA, Helena. **Flexibilidade**. Tr. Francisco Ribeiro Silva Junior. 1ª ed. In: Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**, São Paulo: Editora Unesp, p. 106 – 111, 2009.
- CONTATORE, Octávio Augusto; MALFITANO, Ana Paula Serrata; BARROS, Nelson Filice de. Por uma sociologia do cuidado: reflexões para além do campo da saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1 2019.
- FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tr. Coletivo Sycorax. Editora Elefante: 2019.
- HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**, nº 21, Porto Alegre: p. 24 – 41, 2009.
- KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. Tr: Vivian Aranha Saboia. - 1ª ed. In: Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, p. 67 – 75, 2009.
- KERGOAT, Prisca; PICOT, Geneviève; LADA, Emmanuelle. **Ofício, profissão, “bico”**. Tr. Francisco Ribeiro Silva Junior. - 1ª ed. In: Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, p. 159 – 167, 2009.

- LIMA, Beatriz de Souza. **Mulheres negras e profissionais de enfermagem: quando o invisível torna-se visível e dizível**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tr. Rubens Erdele, 1ª ed. Livro I: O processo de produção do capital. Brasil: Editora Boitempo, 2013.
- MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850 – 1920). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, nº 01, p. 01 – 11, 2019.
- NOVAES, Clarissa Alves de. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa – MG**. (Dissertação para o curso de Pós Graduação em Economia Doméstica); 103 f. Viçosa: Minas Gerais, 2016.
- ROGERS, Rebecca. **Tecer novas histórias: os trabalhos de agulha a escola feminina (França - Argélia colonial)**. In: Trabalho logo existo: perspectivas feministas. Org. Margaret Maruani; Tr. Dora Roca. – Rio de Janeiro: FGV Editora, p. 179 – 190, 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SARAIVA, Karla. TRAVERSINI, Clarice. LOCKMAN, Kamila. A Educação em tempo de Covid-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, vol. 15. p.1-24, 2020.
- SEGATA, Jean. A colonização digital do isolamento. **Cadernos de Campo**, n.1 São Paulo:USP. Vol.29, p.163-171, 2020.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. Guacira Lopes Louro. **Educação e Sociedade**, jul/dez, 1995.
- TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 22, p. 285 – 308, maio/ago, 2007.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, nº 44, p. 203 – 220, 2014.

Sites:

AGÊNCIA BRASIL. **Desemprego chega a 14% entre Setembro e Novembro de 2020**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <[AGÊNCIA SENADO. \*\*Piso salarial para profissionais da enfermagem segue para a Câmara\*\*. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/11/24/piso-salarial-para-profissionais-da-enfermagem-segue-para-a-camara>>. Acesso em: 06/12/2021.](https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-01/desemprego-chega-141-ent-re-setembro-e-novembro-de-2020#:~:text=Total%20de%20desempregados%20no%20pa%C3%ADs%20%C3%A9%20estimado%20em%2014%20milh%C3%B5es&text=A%20taxa%20de%20desemprego%20alcan%C3%A7ou,setembro%20e%20novembro%20de%202020.&text=Esse%20resultado%20representa%203%2C9,subiu%20para%2048%2C6%25.> Acesso em: 08/12/2021</a></p></div><div data-bbox=)

**Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de Gênero na resposta**. Disponível em: <[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19\\_LAC.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf)>. Acesso em 06/12/2021.

